

**Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade**

**EMPREENDEDORISMO NA ACADEMIA: UMA ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR DE DOCENTES**

**ACADEMIC ENTREPRENEURSHIP: AN ANALYSIS OF TEACHER  
ENTREPRENEURSHIP**

Cristiane Krüger, Italo Fernando Minello e Rafaela Escobar Bürger

**RESUMO**

Neste estudo objetivou-se analisar a atitude e características comportamentais empreendedoras evidentes nos docentes de graduação da Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen. Especificamente traçou-se o perfil dos docentes, identificou as dimensões da atitude empreendedora e as características e dimensões comportamentais empreendedoras dos docentes participantes. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa. A partir dos resultados infere-se que os docentes possuem as dimensões da atitude e as dez características comportamentais empreendedoras. As características mais relevantes foram estabelecimento de metas, comprometimento e busca de informações. Apesar dos docentes possuírem as dimensões de atitude e as características de comportamento empreendedor, as pontuações ficaram entre 15 e 20, deve-se levar em consideração que a pontuação máxima é 25, nesse sentido, o comportamento empreendedor dos docentes pode ser desenvolvido. Para estudos posteriores recomenda-se replicar a presente pesquisa em outros centros de ensino da instituição, evidenciando similaridades e discrepâncias dos professores com base nos cursos superiores que os mesmos exercem suas funções.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo, Comportamento empreendedor, Características comportamentais empreendedoras, Docentes.

**ABSTRACT**

This study aimed to analyze the attitude and behavioral characteristics of entrepreneurs evident in undergraduate professors of the Federal University of Santa Maria, Frederico Westphalen campus. Specifically, the profile of the teachers was drawn, the dimensions of the entrepreneurial attitude and the entrepreneurial behavioral characteristics and dimensions of the participating teachers were identified. This is a descriptive study with a quantitative approach. From the results, it is inferred that the teachers have the dimensions of the attitude and the ten behavioral characteristics entrepreneurs. The most relevant characteristics were goal setting, commitment and information search. Although teachers have attitudinal dimensions and characteristics of entrepreneurial behavior, the scores were between 15 and 20, it should be taken into consideration that the maximum score is 25, in this sense, the entrepreneurial behavior of teachers can be developed.

**Keywords:** Entrepreneurship, Entrepreneurial behavior, Entrepreneurial behavioral characteristics, Teachers.

## 1. INTRODUÇÃO

A docência, segundo Martins, Diesel e Silva (2016) pode ser apontada como uma das profissões que mais contribui para o desenvolvimento de uma sociedade visto que promove mudanças e expectativas nos indivíduos. Se no passado acreditava-se que ensinar era transmitir informações, hoje “ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização” (Tardif, 2004, p.118). Aponta-se que atualmente, o ensino está focado no processo de aprendizagem e isso acarreta para os professores a tarefa de promover e facilitar esse processo por meio de ações que internalizem uma postura questionadora, empreendedora, crítica e permanentemente aberta às mudanças culturais, científicas e tecnológicas (MARTINS et al., 2016). Nessa abordagem, é fundamental, no mundo moderno, que as pessoas estejam preparadas para aprender a agir e pensar com criatividade, utilizando a liderança e visão de futuro para inovar (SOUZA e SANTOS, 2014).

Associado à perspectiva de que o empreendedorismo pode ser compreendido como uma oportunidade que um indivíduo cria ou aproveita, podendo desenvolver uma atividade organizada, gerando valor para si e para a sociedade (CARREIRA et al., 2015), ressalta-se a necessidade do desenvolvimento do comportamento empreendedor em profissões como a docência.

Por se acreditar em uma nova maneira de ensinar e de aprender na sala de aula, este estudo ampara-se nos princípios da educação empreendedora. Esse enfoque traz para a reflexão a o ensino e a aprendizagem empreendedora, caracterizando-a como um processo dinâmico de conscientização, reflexão, associação e aplicação que envolve transformar a experiência e o conhecimento em resultados aprendidos e funcionais (LOPES, 2010). Seguindo esse raciocínio infere-se que é de suma importância incluir o empreendedorismo em todos os níveis de formação acadêmica, visto que, a educação empreendedora é compreendida como um meio para despertar o comportamento empreendedor nos indivíduos (FILHO; BRUNI, 2015). Nessa perspectiva, Ribeiro e Bernardes (2014) corroboram que os professores têm atuação fundamental quando se trata do desenvolvimento das características empreendedoras necessárias para os alunos serem capazes de viabilizar oportunidades e se posicionar criticamente na sociedade.

Em relação ao processo de formação das características, verifica-se que tanto a formação educacional de nível superior quanto a experiência de vida contribuem para o desenvolvimento das características (MARTINS-SILVA; SILVA; SILVA, 2016). Nesse sentido, a universidade tem importante papel no desenvolvimento do comportamento empreendedor, pois durante os estudos professor e aluno conhecem procedimentos que os influenciam em suas capacidades de explorar coisas que impulsionam suas vidas profissionais e acadêmicas (SINGER; AMORÓS; ARREOLA, 2015).

A relação entre teoria e prática no espaço universitário, segundo Guimarães e Lima (2016), não é de hoje que se encontra pautada no campo dos processos voltados para área do empreendedorismo, sendo um requisito primordial na revolução do método de ensino-aprendizagem. Somando-se a isso os autores ressaltam que na atmosfera do empreendedorismo são analisados aspectos como: criação, inovação, revolução, comprometimento, dedicação, motivação e riscos. Lopes e Silva (2014) corroboram que são nas universidades, orientados por docentes, que os alunos devem encontrar ambientes favoráveis para o desenvolvimento da criatividade, inovação e do empreendedorismo, aperfeiçoando habilidades de gerar soluções criativas para resolver os problemas e desafios diários que são demandados pelo mercado de trabalho. Nesse sentido, resgata-se o papel do docente, o qual necessita, cada vez mais, desenvolver um comportamento empreendedor para que estejam preparados para formar os novos profissionais.

Considerando esse enfoque, o propósito deste estudo é de analisar a atitude e características comportamentais empreendedoras dos docentes de graduação da UFSM de Frederico Westphalen. De modo mais específico, pretende-se traçar o perfil dos docentes e identificar as dimensões da atitude e características comportamentais empreendedoras dos participantes.

Para alcançar o objetivo proposto, inicialmente são apresentados o aporte teórico que sustentam este estudo, pautados na atitude empreendedora e nas características comportamentais empreendedoras. Nas seções posteriores, apresentam-se o percurso metodológico utilizado, os resultados do estudo e, por fim as considerações finais, com as limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas.

## 2. ATITUDE EMPREENDEDORA

A atitude empreendedora bordada por meio da teoria do comportamento planejado de Ajzen (1985), é definida como uma avaliação frente a um objeto de estímulo, influenciada por crenças. De acordo com Ajzen e Fishbein (2000, p. 1) “as atitudes das pessoas seguem, espontânea e consistentemente, de crenças acessíveis na memória e então guiam o comportamento correspondente”. O acesso às crenças varia conforme a motivação, a capacidade de classificar quanto a relevância da atitude e o contexto (FISHBEIN; AJZEN, 2010). Atitude prediz intenções, comportamento que representam o esforço que a pessoa estará disposta a fazer, sendo que, quanto maior o envolvimento melhor o desempenho (AJZEN, 1991). De acordo com Ajzen (1991) são os fatores motivacionais, representados pela intenção, e os fatores de controle comportamental representados pela oportunidade e recursos que determinam a concretização de um comportamento específico.

A teoria do comportamento planejado sugere que o comportamento humano se baseie em três pontos: nas crenças comportamentais; nas crenças normativas e nas crenças sobre o controle. As crenças comportamentais tratam das possíveis consequências do comportamento humano. Já as crenças normativas referem-se às expectativas de comportamento percebido referentes às outras pessoas, como familiares e amigos (pressão social). Estas crenças normativas, combinadas com a motivação pessoal em obedecer a diferentes regras, determinam a norma subjetiva por trás da compra. Por último, as crenças sobre o controle se referem aos fatores que podem facilitar ou impedir o desempenho do comportamento. Sendo assim, assume-se que o poder exercido pela atitude, pela norma subjetiva e pelo controle percebido determina a intenção do comportamento (AJZEN, 2008).

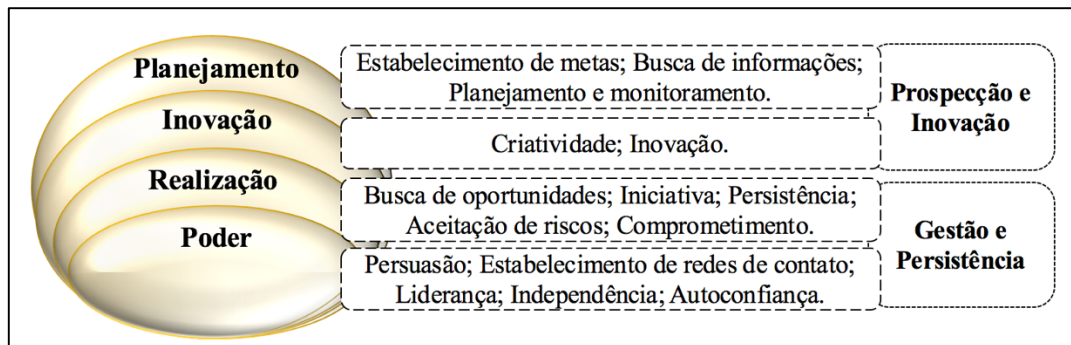
As crenças comportamentais são antecedentes que levam a uma atitude comportamental favorável ou não favorável; as crenças normativas são antecedentes que resultam na pressão social percebida ou normas subjetivas; e as crenças sobre o controle são os antecedentes que induzem o controle sobre o comportamento percebido. Por sua vez, a intenção de comportamento será mais forte quanto maior for o controle percebido e quando as atitudes e normas subjetivas forem favoráveis.

Atitude empreendedora, de acordo com Souza e Lopez Jr. (2005, p. 4), é definida como a “predisposição aprendida, ou não, para agir de forma inovadora, autônoma, planejada e criativa, estabelecendo redes sociais”. O empreendedor está ancorado na capacidade que alguns indivíduos demonstram de criar seus próprios negócios, correndo riscos, capitalizando resultados e aproveitando as oportunidades que surgem.

O Instrumento de Medida de Atitude Empreendedora – IMAE, desenvolvido e validado por Souza e Lopez Jr (2005), tem como base a teoria do comportamento planejado e é composto por quatro dimensões, sendo: Planejamento, Inovação, Realização e Poder, originou-se do estudo de McClelland (MSI, 1990) que identificou as características de empreendedores de

sucesso, exceto Inovação, que apesar de não ter sido apontado por McClelland, foi verificada em todos trabalhos do pesquisador Souza (2006). As características comportamentais do empreendedor foram agrupadas em duas dimensões: Prospecção e Inovação, e Gestão e Persistência, conforme Figura 1. O IMAE é propício para mensurar a atitude empreendedora, bem como investigar a capacidade de discriminar a resposta que o indivíduo está apto a dar, para tanto, também foi utilizado na presente pesquisa.

Figura 1 – Características comportamentais e dimensões



Fonte: baseado em MSI (1990), Souza (2006) e Souza e Lopez Jr. (2005).

Diante do apresentado, pode-se entender atitude empreendedora como a intenção de agir de acordo com características comportamentais, conforme apresentado no Figura . Neste sentido, o ensino do empreendedorismo pode ajudar a aprimorar tais características e habilidades de gestão promovendo a educação empreendedora (FIALA, 2012; ZAMPIER, TAKAHASHI, 2014; LEIVA; ALEGRE; MONGE, 2014).

### 3. CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS EMPREENDEDORAS

As características comportamentais empreendedoras para Minuzzi, Vargas e Fialho (2016) são abordadas e definidas por diversos autores e geralmente são complementares e não conflitantes. Dornelas (2014) ratifica que as características empreendedoras nada mais são que alguns atributos pessoais em complemento às características sociológicas e ambientais.

Conforme aponta Degen (2009) uma característica evidente no empreendedor é sua aflição por mudanças, desejo de fazer as coisas acontecerem. O autor relata que o dramaturgo irlandês Bernard Shaw argumentava que o homem racional se adapta ao mundo em que vivemos sem questionamento. Porém, o homem irracional tenta adaptar o mundo a si. Diante disso, sem os empreendedores inconformados com o mundo não teríamos luz, água potável, telefone, rádio, etc.

Estes argumentos ratificam a afirmação de McClelland (1972), em que o autor elucida a existência de dois grupos de pessoas classificadas de acordo com suas características comportamentais, um, em que se encaixa a maioria, são aqueles que não estão dispostos a se sacrificar para conseguir alcançar seus objetivos, já o outro, grupo pertencente a minoria, tendem a juntar esforços para alcançar um objetivo pessoal. Estas pessoas fazem as coisas acontecerem e podem ser denominadas empreendedores.

Greatti e Senhorini (2000) explanam que as características empreendedoras são fundamentais para o profissional que almeja se consolidar no mercado de trabalho, já que o mercado demanda de pessoas mais criativas, que saibam assumir riscos, que possuam iniciativa própria para a resolução dos conflitos e que sejam mais persistentes quanto aos seus objetivos.

O funcionário, estudante, empresário e, principalmente, as pessoas que querem entrar em um novo ramo de negócio devem ser dotadas destas características.

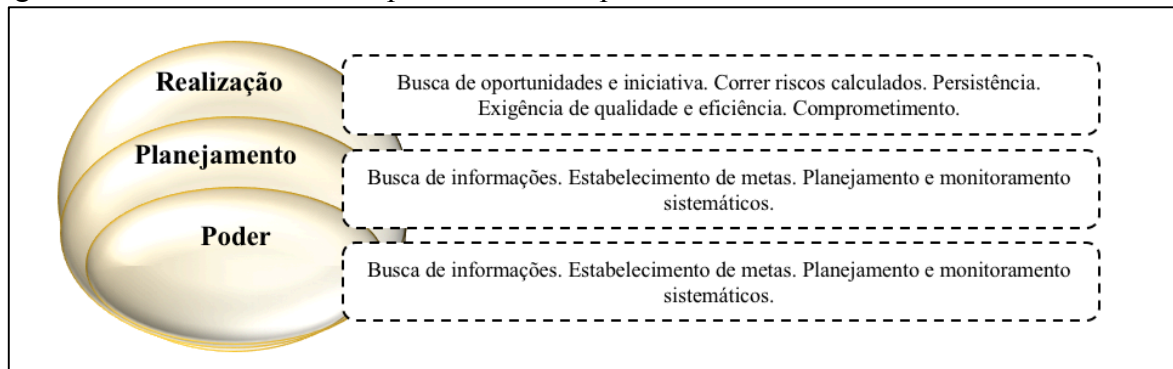
Diante de um estudo sobre empreendedorismo, Baron e Shane (2007) argumentam que existe um entendimento sobre um conjunto de atitudes presentes no indivíduo empreendedor. São apresentadas três variáveis, a primeira de nível individual (técnicas, motivações e características dos empreendedores); por sequência de nível interpessoal ou grupal (ideias, informações de outras pessoas, clientes, potenciais funcionários, eficácia nas interações com capitalistas de risco) e, por último de nível social (políticas governamentais, condições econômicas, tecnologia) que permeiam todas as fases do processo empreendedor.

Como mencionado anteriormente existem três variáveis compostas por atitudes presentes nos empreendedores individual, grupal e social, na primeira delas, referida como nível individual, Baron e Shane (2007) indicam que é formada pelas características empreendedoras. Muitos autores pesquisaram e estudaram o indivíduo para entender e dar sua contribuição sobre quais características o indivíduo empreendedor tem em comum e o que os difere com outros indivíduos.

Neste sentido, os estudos científicos elucidados por David McClelland descrevem a teoria empreendedora, na qual é composta por três comportamentos em que estão dispostas as CCE's. No intuito de agregar as pesquisas sobre empreendedorismo McClelland formou parcerias, uma delas foi originada a pedido da USAID (*United States Agency for International Development*), na qual realizaram um estudo que apontava a identificação de características comportamentais empreendedoras em países emergentes. A partir desse estudo foi desenvolvido um questionário capaz de mensurar essas características, a partir dos três grupos de comportamento Realização, Planejamento e Poder (MANSFILELD et al., 1987).

Conforme ilustrado na Figura 2, tornaram-se dez CCE's na qual cada qual está inserida dentre as três dimensões respectivas.

Figura 2 – Características comportamentais empreendedoras



Fonte: elaborado pelos autores com base em MSI (1990, p. 80-81).

Desta forma, Minuzzi, Vargas e Fialho (2016), afirmam que no conjunto de características formado pela dimensão realização, as características estão diretamente ligadas ao desafio pessoal de cada indivíduo; no conjunto planejamento, estão associadas com o modo de realizar cada trabalho ou tarefa; já no último conjunto poder contém as características referentes à influência ou persuasão com as pessoas, age de acordo para manter relações comerciais (MINUZZI, VARGAS e FIALHO, 2016).

Nesse contexto, ao visualizar as universidades como um sistema educacional a mesma é uma área central de intervenção ao desenvolvimento de características empreendedoras, que podem levar o aluno e o docente ao desenvolvimento um comportamento mais empreendedor (DINIS et al., 2013).

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem utilizada na presente pesquisa é quantitativa, descritiva. A abordagem quantitativa pode ser usada em estudos de grandes aglomerados de dados e de conjuntos demográficos, partindo de um contexto a ser descoberto, e construída a partir de um fenômeno social (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013). A pesquisa do tipo descritiva procura descrever as características de uma determinada população ou os fatos e fenômenos de uma realidade, o que pode proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e favorecendo o aprimoramento de ideias e considerações dos mais variados aspectos ligados ao fato estudado (TRIVIÑOS, 1987).

Para mensurar a atitude empreendedora dos docentes utilizou-se o Instrumento de Medida de Atitude Empreendedora - IMAE, desenvolvido por Souza e Lopez Jr. (2005). O IMAE é composto por 36 assertivas, de acordo com sua percepção diante de cada uma das assertivas, que compõem o instrumento da seguinte forma (Quadro 1):

Quadro 1 - Questões e dimensões do IMAE

DIMENSÃO	QUESTÕES												
Realização	Q2	Q4	Q8	Q13	Q17	Q18	Q20	Q27	Q30				
Planejamento	Q3	Q5	Q6	Q9	Q12	Q15	Q16	Q19	Q22	Q29	Q32	Q33	Q34
Poder	Q7	Q10	Q14	Q24	Q25	Q26	Q35	Q36					
Inovação	Q1	Q11	Q21	Q23	Q28	Q31							

Fonte: baseado em Souza e Lopez Jr. (2005).

Para identificar as características comportamentais empreendedoras (CCE's) utilizou-se um questionário desenvolvido por McClelland (MANSFIELD et al., 1987). Este questionário é baseado nas 10 CCE's de McClelland (MSI, 1990), composto por 55 afirmações. Em ambos questionários os docentes puderam atribuir um valor de um a cinco, em uma escala do tipo Likert, correspondendo a seguinte graduação: 1 = nunca, 2 = raras vezes, 3 = as vezes, 4 = frequentemente e 5 = sempre. De acordo com sua percepção, diante de cada uma das 55 assertivas que compõem o instrumento da seguinte forma (Quadro 2):

Quadro 2 - Características e questões do instrumento das CCE's

CCE	QUESTÕES					
Busca de oportunidades e iniciativa	Q1	Q12	Q23	Q34*	Q45	FC
Persistência	Q2	Q13	Q24	Q35*	Q46	FC
Comprometimento	Q3	Q14	Q25	Q36	Q47*	FC
Exigência de qualidade e eficiência	Q4	Q15	Q26	Q37	Q48	-
Correr riscos calculados	Q5	Q16	Q27	Q38*	Q49	FC
Estabelecimento de metas	Q6	Q17*	Q28	Q39	Q50	FC
Busca de informações	Q7	Q18	Q29*	Q40	Q51	FC
Planejamento e monitoramento sistemáticos	Q8	Q19	Q30	Q41*	Q52	FC
Persuasão e redes de contato	Q9	Q20*	Q31	Q42	Q53	FC
Independência e autoconfiança	Q10	Q21*	Q32	Q43	Q54	FC

\* Questões negativas.

Fonte: adaptado de Mansfield et al., 1987.

O (\*) do Quadro 3 corresponde às questões negativas em que a pontuação deve ser subtraída do resultado final da respectiva característica e deve-se acrescentar 6 (seis) pontos ao final do somatório. As questões de número 11, 22, 33, 44 e 55 correspondem ao “Fator de Correção”, utilizado para evitar que, muitas vezes de modo inconsciente, o respondente apresente uma autoimagem excessivamente favorável. O fator de correção é utilizado se o somatório da pontuação dessas questões for igual ou superior a 20 (vinte) pontos. Se isso ocorrer, todas as CCE’s devem ser corrigidas com a subtração dos pontos correspondentes (MANSFIELD et al., 1987). No Quadro 1 consta o fator de correção para as CCE’s.

Quadro 1 - Fator de correção para as CCE’s

Se o a pontuação do Fator de Correção é	Subtraia o seguinte número de correção da pontuação total de cada competência
24 ou 25	7
22 ou 23	5
20 ou 21	3
19 ou menos	0

Fonte: elaborado pelos autores com base em Mansfield et al. (1987).

A pontuação máxima é de 25 pontos para cada uma das características. Quando o total for igual ou superior a 15 pontos o indivíduo possui a respectiva característica e é considerado empreendedor (MANSFIELD et al., 1987).

A população total desta pesquisa é composta por 88 docentes da UFSM, campus de Frederico Westphalen. Participaram da pesquisa 12 docentes, escolhidos por conveniência, sendo dois docentes de cada um dos seis cursos de graduação do respectivo campus. A coleta de dados ocorreu nos meses de outubro a novembro de 2016, com entrega pessoal nas salas de cada professor.

Após a coleta dos dados realizou-se o processo de tabulação e codificação dos dados. Para tratamento e análise dos dados coletados foram realizados testes estatísticos, utilizando o software *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS® versão 24, nessa ocasião foram analisados quantitativamente e explorados os dados dos modelos propostos por Souza e Lopez Jr. (2005) e McClelland (MANSFIELD et al., 1987).

Os testes estatísticos compreendem estatística descritiva em que foram calculados mínimo, máximo, médias e o desvio padrão de cada característica e dimensão. Em seguida, para estimar a confiabilidade foi medida a consistência interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

O valor do coeficiente alfa de Cronbach pode variar de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, melhor a confiabilidade, pois, maior será a consistência interna do instrumento ou maior a congruência entre os itens, indicando a homogeneidade da medida do mesmo fenômeno (MATTHIENSEN, 2011).

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A amostra foi composta por 12 docentes que responderam os instrumentos do respectivo estudo, sendo 8 docentes do gênero masculino e 4 do feminino. Quanto a faixa etária, todos os respondentes possuem mais de 28 anos. Quanto ao questionamento sobre já ter cursado alguma disciplina relacionada a empreendedorismo 50% (6) dos respondentes afirmaram nunca ter cursado.

Inicialmente foi realizada a análise dos dados perdidos ou *missing data*. Em pesquisas que utilizam questionários, os dados perdidos podem ser originários da recusa ou esquecimento

de um respondente em marcar uma questão que lhe foi perguntada, ou estar relacionado à fase de digitação dos dados (HAIR JR. et al., 2009). Os dados perdidos quando em grande quantidade podem enviesar os resultados de uma pesquisa. A análise de frequências dos dados perdidos ocorreu para identificar a extensão de ocorrência em toda a amostra, para as variáveis selecionadas. Verificou-se que nenhuma questão nos dois instrumentos não foi respondida, o que se justifica por ser um número reduzido de docentes participantes, durante um momento que lhes convinha e que, aparentemente, não tiveram dificuldades em compreender as assertivas que compunham cada questionário.

A análise dos resultados iniciou com o cálculo dos mínimos, máximos, médias, desvio padrão e variância de cada dimensão do IMAE e de cada característica e dimensão das CCE's, dos construtos estudados. No Quadro 2 apresenta-se a estatística descritiva dos instrumentos respondidos pelos docentes.

Quadro 2 - Estatística descritiva – docentes

Inst.	Dimensões/Características	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
IMAE	Realização	31,00	44,00	35,3333	3,60135	12,970
	Planejamento	43,00	60,00	50,9167	4,85159	23,538
	Poder	25,00	37,00	31,7500	3,74469	14,023
	Inovação	20,00	30,00	23,5833	2,87492	8,265
CCE's	Busca de oportunidades e iniciativa	15,00	23,00	18,5000	2,02260	4,091
	Persistência	14,00	20,00	17,2500	1,60255	2,568
	Comprometimento	16,00	24,00	19,6667	2,70801	7,333
	Exigência de qualidade e eficiência	8,00	22,00	16,7500	4,49495	20,205
	Correr riscos calculados	11,00	22,00	15,9167	2,90637	8,447
	Estabelecimento de metas	18,00	24,00	20,9167	2,10878	4,447
	Busca de informações	12,00	23,00	19,2500	2,83244	8,023
	Planejamento e monitoramento sist.	15,00	22,00	18,8333	2,03753	4,152
	Persuasão e redes de contato	14,00	20,00	16,5000	1,88294	3,545
	Independência e autoconfiança	13,00	22,00	17,8333	2,51661	6,333
	Realização	15,00	19,00	17,6667	1,37069	1,879
	Planejamento	17,00	22,00	19,5833	1,72986	2,992
	Poder	15,00	20,00	17,4167	1,72986	2,992

Fonte: elaborado pelos autores.

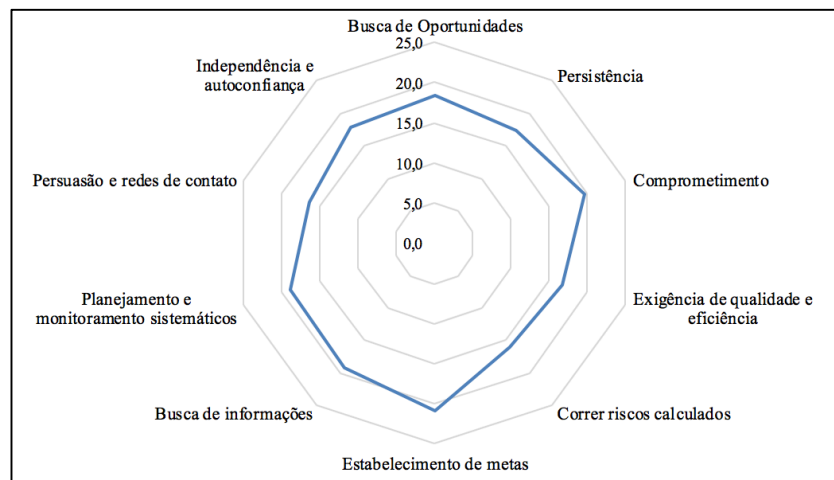
A partir do Quadro 2 é possível identificar as pontuações mínimas e máximas de cada dimensão do IMAE e de cada característica e dimensão das CCE's, assim como as médias, desvio padrão e variância. Verifica-se que cada dimensão do IMAE possui limite máximo próprio, isso ocorre devido a quantidade de itens respectivos, que varia de uma dimensão para outra. Nesse sentido, a dimensão que possui maior média é a "Planejamento" (50,91). No caso das características o limite máximo é de 25, que não foi alcançado em nenhuma característica. O maior desvio padrão e variância ocorre na dimensão planejamento do IMAE, que possui a maior quantidade de itens. O menor desvio padrão ocorre na dimensão realização das CCE's, que contempla as cinco características iniciais e demonstra singularidade entre os resultados.

Dentre as dez características comportamentais destaca-se a característica estabelecimento de metas que obteve maior média "20,91". Verifica-se que seis características obtiveram pontuações mínimas abaixo do limite de 15 pontos, que para McClelland são inexistentes (MANSFIELD et al., 1987), ou seja, alguns docentes não possuem essas características, são elas: persistência (14), exigência de qualidade e eficiência (8), correr riscos calculados (11), busca de informações (12), persuasão e redes de contato (14) e independência e autoconfiança (13).

Na Figura 3 verifica-se as médias das características empreendedoras dos docentes.



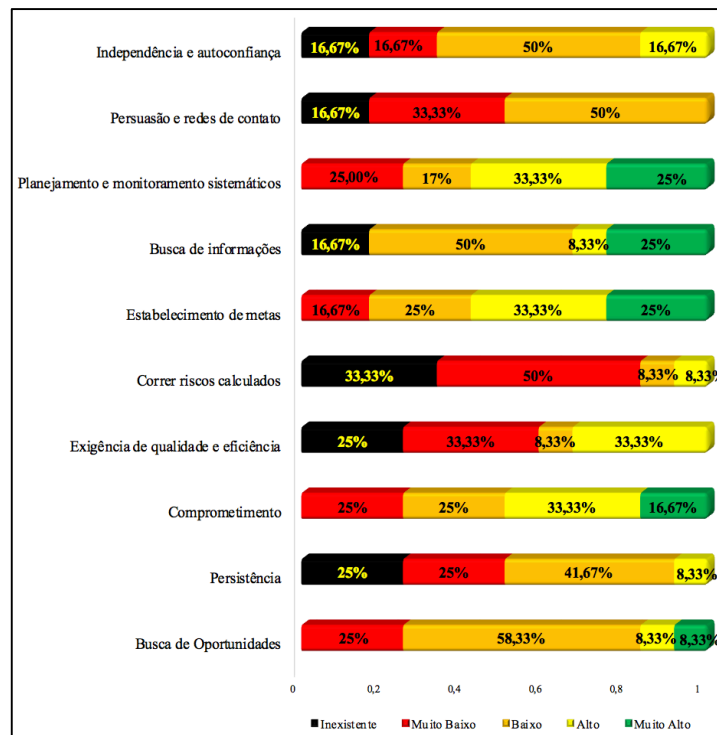
Figura 3 – Média das características comportamentais empreendedoras – docentes



Fonte: elaborado pelos autores.

A partir da média (Figura 3) infere-se que os docentes pesquisados possuem as dez características ( $\geq 15,0$ ), no entanto observa-se que a característica estabelecimento de metas foi a única que obteve pontuação acima de 20,0, ficando com 21,0 pontos, e que as demais características permaneceram no intervalo de 15,0 a 20,0 pontos, sendo as mais baixas correr riscos calculados (15,9) e persuasão e redes de contatos (16,5). Em seguida foi realizado o cálculo da intensidade das características (Figura 4).

Figura 4 – Intensidade das características comportamentais empreendedoras – docentes



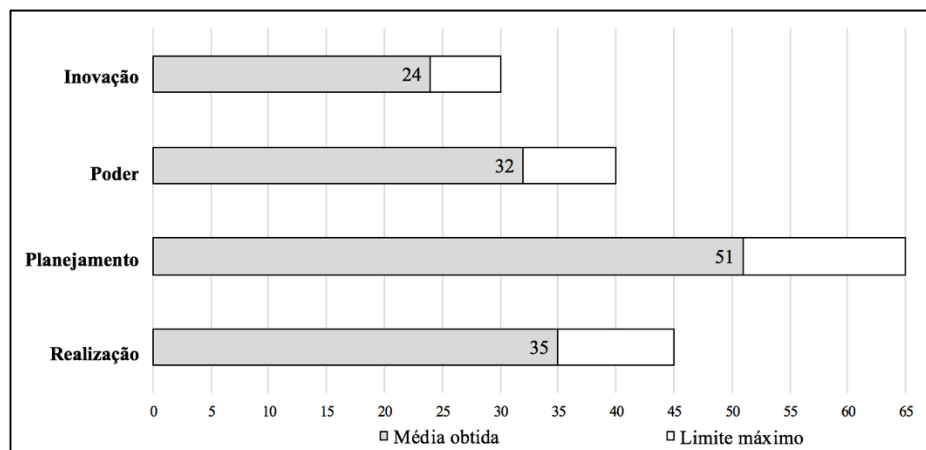
Fonte: elaborado pelos autores.

Na Figura 4 é possível verificar o percentual de respondentes diante de cada característica. Para tal foi realizada uma estratificação de cores, sendo preto a característica inexistente (até o limite de 15 pontos), vermelho a característica é muito baixa (de 15,00 até 17,50), laranja considerada baixa (de 17,51 até 20,00), amarelo considerada alta (de 20,01 até 22,50) e verde a característica é considerada muito alta (de 22,51 até 25,00).

Infere-se, a partir da Figura , que para os 12 docentes pesquisados seis características foram consideradas inexistentes para alguns respondentes, especialmente a característica correr riscos calculados, que foi considerada inexistente em 33% dos 12 docentes pesquisados, nesse sentido para McClelland (MSI, 1990) esses docentes não avaliam ou calculam os riscos, não tomam medidas para reduzir os riscos ou controlar os resultados. Tendem a não se colocar em situações que impliquem desafios ou riscos moderados; diante disso, considera-se essa característica como importante para a atividade docente, e que estes docentes devem buscar formas de desenvolvê-la. Considerando os percentuais de inexistência, muito baixo e baixo das características, quase todas características dos docentes pesquisados são consideradas baixas, muito baixas ou inexistentes, excetuando-se as características de planejamento e monitoramento sistemático, estabelecimento de metas e comprometimento.

Na Figura 5 verifica-se as médias das dimensões da atitude empreendedora dos docentes, percebe-se que as pontuações obtidas em todas dimensões ficam acima da metade.

Figura 5 – Média da atitude empreendedora – docentes



Fonte: elaborado pelos autores.

Apesar das diferenças de limites observa-se que as dimensões inovação e poder possuem a maior pontuação dentre as quatro. A dimensão com pontuação menor dentre às quatro é realização, que ficou com uma pontuação superior a 78% diante do limite máximo, o que pode ser considerado como uma pontuação positiva.

Para estimar a confiabilidade foi medida a consistência interna por meio do alfa de Cronbach (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

O Alfa de Cronbach para o instrumento IMAE obteve  $\alpha = 0,873$  e para o CCE's obteve  $\alpha = 0,799$ . Deste modo, os valores resultantes da aplicação dos questionários com os 12 docentes são confiáveis.

Em seguida foi realizado o teste de normalidade Shapiro-Wilk, os resultados são apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 – Teste de normalidade Shapiro-Wilk<sup>ab</sup>

Inst	Dimensões/Características	Estatística	gl	Sig.
IMAE	Realização	,907	12	,197
	Planejamento	,931	12	,390
	Poder	,934	12	,426
	Inovação	,933	12	,416
CCE's	Busca de oportunidades e iniciativa	,919	12	,276
	Persistência	,921	12	,294
	Comprometimento	,932	12	,400
	Exigência de qualidade e eficiência	,927	12	,348
	Correr riscos calculados	,935	12	,435
	Estabelecimento de metas	,932	12	,399
	Busca de informações	,917	12	,262
	Planejamento e monitoramento sist..	,891	12	,122
	Persuasão e redes de contato	,914	12	,237
	Independência e autoconfiança	,982	12	,990
	Realização	,857	12	,045
	Planejamento	,934	12	,422
	Poder	,901	12	,164

<sup>a</sup> Correlação de Significância de Lilliefors.

<sup>b</sup> Exclui-se casos pelo Método Listwise.

Fonte: elaborado pelos autores.

Os resultados para o teste de normalidade indicaram que os escores obtiveram significância maior que 0,05 que indicam que a distribuição dos dados é uma distribuição normal (Sig.<0,05). Com a finalidade de estabelecer relação entre as características e as dimensões da atitude empreendedora foi utilizado o coeficiente de correlação Pearson, que de acordo com Collis e Hussey (2005) refere-se a uma técnica paramétrica que indica a medida de força de associação entre duas variáveis.

Para este estudo foi adotada a conversão de Lopes (2016) mostrada no Quadro 4.

Quadro 4 – Interpretação dos valores do coeficiente de correlação ®

Valor de r (+ ou -)	Intepretação*
0,00	Nula
0,01 a 0,20	Ínfima fraca
0,21 a 0,40	Fraca
0,41 a 0,60	Moderada
0,61 a 0,80	Forte
0,81 a 0,99	Ínfima forte
1,00	Perfeita

\* a classificação só será válida se o valor da correlação for significativo,  $p < 0,05$ .

Fonte: Lopes (2016, p. 158).

De acordo com Hair Jr. et al. (2009), o coeficiente de correlação de Pearson tem o objetivo de medir a associação linear entre duas variáveis métricas e possui variação de -1,00 a 1,00. Valores de coeficiente “r” próximos a +1 indicam pouca dispersão, o que expressa uma correlação forte e positiva; já os valores próximos de “zero” indicam muita dispersão e ausência de relação entre as variáveis, e, por fim, o valor de “r” próximo de -1 significa pouca dispersão e uma correlação negativa forte (LOPES, 2016).

A matriz de correlação entre as médias das características e atitude empreendedoras dos docentes são apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Correlação das características comportamentais e atitude empreendedora – docentes

		IMAE			
		Realização	Planejamento	Poder	Inovação
CCE's	Busca de oportunidades e iniciativa	,125	,218	,354	-,383
	Persistência	,016	-,219	-,216	,163
	Comprometimento	-,118	,143	-,403	,062
	Exigência de qualidade e eficiência	,006	-,076	-,047	-,044
	Correr riscos calculados	,142	,070	,324	,017
	Estabelecimento de metas	-,020	,213	-,279	-,021
	Busca de informações	,107	,352	,366	-,087
	Planejamento e monitoramento Sist.	,343	,284	,423	-,059
	Persuasão e redes de contato	,429	,244	,574	,143
	Independência e autoconfiança	,187	-,038	,352	,341
	Realização	-,031	,036	-,053	-,177
	Planejamento	,170	,342	,221	-,111
	Poder	,355	,102	,565	,367

\*\*A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Fonte: elaborado pelo autor.

Verifica-se que as correlações entre as características comportamentais empreendedoras e as dimensões da atitude empreendedora foram associações positivas ínfimas fracas e fracas, em sua maioria, e que indica haver relação direta entre as mesmas, sendo a correlação mais forte entre a característica comportamental persuasão e redes de contato e a dimensão poder com 0,574, dentre as dimensões das CCE's a associação mais relevante ocorre entre as dimensões poder (CCE's) e poder (IMAE) com 0,565, considerada uma associação moderada.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o objetivo geral proposto pelo presente estudo - analisar a atitude e características comportamentais empreendedoras dos docentes de graduação da UFSM de Frederico Westphalen. – constata-se que o mesmo foi alcançado. Isso é evidenciado em função de que, aponta-se como a maior média do Instrumento de Medida da Atitude Empreendedora é a dimensão “Planejamento” (50,91) proporcionalmente aos limites das categorias e dentre as dez características comportamentais destaca-se a característica estabelecimento de metas que obteve maior média “20,91”. Verifica-se que seis características obtiveram pontuações mínimas abaixo do limite de 15 pontos, que para McClelland são inexistentes (MANSFIELD et al., 1987), ou seja, alguns docentes não possuem essas características, são elas: persistência (14), exigência de qualidade e eficiência (8), correr riscos calculados (11), busca de informações (12), persuasão e redes de contato (14) e independência e autoconfiança (13).

Verifica-se que os docentes pesquisados possuem as dimensões da atitude e as dez características comportamentais empreendedoras (MSI, 1990), no entanto, as médias das pontuações ficaram entre 15 e 20 pontos, salientando-se que a pontuação máxima é de 25 pontos, infere-se que as pontuações obtidas pelos docentes, a partir da intensidade, constam em sua maioria em níveis considerados como inexistentes, muito baixo e baixo. Diante da baixa pontuação obtida deve-se buscar atividades que as desenvolvam, Lima et al. (2014) propõem a criação de ambientes ricos em diversidade de experiência, de possibilidades de exploração de recursos pessoais e dirigidos à ampliação de horizontes e de perspectivas, atividades que contribuem para o desenvolvimento da educação empreendedora na universidade e, por conseguinte o aprimoramento das características e atitudes empreendedoras. A característica

persuasão e redes de contato nos docentes não obteve nenhum respondente com pontuação considerada alta nem muito alta, pode se dizer que, a partir da estratificação utilizada, esta característica se apresenta em menor percentual entre os docentes. A curiosidade reside neste fato, pois, considera-se que esta é uma importante característica para a atividade que os mesmos desempenham, tendo em vista que os docentes devem transmitir conhecimentos e que tem parcela de responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, nesse sentido, entende-se que o docente deve utilizar diferentes estratégias para influenciar o aluno (MSI, 1990), no sentido de que o aluno atinja o objetivo da atividade proposta, da aula e da disciplina ministrada pelo docente. Esta característica comportamental é importante para o docente, no momento em que o mesmo por meio da persuasão consegue envolver os alunos de forma estratégica.

Os resultados do presente estudo podem contribuir para novas pesquisas relacionadas ao comportamento empreendedor, educação empreendedora, universidade empreendedora e atitude empreendedora, especificamente para o diagnóstico do comportamento empreendedor dos docentes, proporcionando autoconhecimento e autodesenvolvimento.

A presente pesquisa conta com algumas limitações, inicialmente o tamanho da amostra que, poderia ter sido contemplado um maior número de professores respondentes. Outra limitação refere-se aos instrumentos utilizados, visto que se entende que outras variáveis podem contribuir para a composição da atitude empreendedora e para as características comportamentais empreendedoras.

Para estudos posteriores recomenda-se replicar a presente pesquisa em outros centros de ensino da instituição, evidenciando similaridades e discrepâncias dos professores com base nos cursos superiores que os mesmos exercem suas funções. Sugere-se também, aumentar o tamanho da amostra, contemplando mais instituições de ensino superior em diferentes regiões do país, com um maior percentual de docentes. Isso pode proporcionar maior variância dos dados e uma maior compreensão do fenômeno estudado. Também se sugere a replicação dessa pesquisa em outras instituições de ensino superior, de modo a comparar resultados de instituições tanto de natureza públicas quanto privadas, no Brasil e no exterior. Além disso, expandir para os demais níveis de ensino como fundamental, médio e pós-graduação. Propõe-se ainda a utilização de outros instrumentos relacionados às características comportamentais e atitude empreendedoras ou a construção de uma nova escala de medida para análise em instituições de ensino superior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZEN I.; FISHBEIN, M. **Attitude-behavior relations: A theoretical analysis and review of empirical research.** Psychological Bulletin. v. 84, p. 888-918, 1977.

AJZEN, I; FISHBEIN, M. Attitudes and Attitude-Behavior Relation: reasoned and automatic processes. In: STROBE, W.; HEWSTONE, M. (Ed.), **European Review of Social Psychology**, p. 1- 33, John Wiley and Sons, 2000.

AJZEN, I. Consumer attitudes and behavior. In C. P. Haugtvedt, P. M. Herr & F. R. Cardes (Eds.), **Handbook of Consumer Psychology**. p. 525- 548, New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.

AJZEN, I. **From intentions to actions: A theory of planned behavior.** In J. Kuhl & J. Beckman (Eds.), Action-control: From cognition to behavior. p. 11-39. Heidelberg: Springer, 1985.

- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, p. 179-211, 1991.
- BARON, R.A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- BARROS, F. S. O.; FORTE, S. H. A. C. A análise das características empreendedoras versus premissas da escola da estratégia empreendedora: um estudo multicase no setor de alimentação. **Organizações Rurais e Agroindustriais**. v. 6, n. 2, 2004.
- BRANCHER, I. B.; OLIVEIRA, E. M.; RONCON, A. Comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional. **Internext –Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**. São Paulo, v. 7, n. 1, 2012.
- BRANDÃO, E. A.; VASCONCELOS, G. M. R.; MUNIZ, R. M. Empreendedorismo e Racionalidade. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte, 2011.
- CAMARA, E. C.; ANDALÉCIO, A. M. L. Características empreendedoras: um estudo de caso com farmacêuticos utilizando o modelo de McClelland. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 3, p.64-77, 2012.
- CARREIRA, S. S.; FRANZONI, A. B.; ESPER, A. J. F.; PACHECO, D. C.; GRAMKOW, F. B.; CARREIRA, M. F. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **Navus. Revista Gestão e Tecnologia**. Florianópolis, 2015.
- DEGEN, R. J. **O empreendedor: empreender como opção de carreira**. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2009.
- DINIS, A.; PAÇO, A.; FERREIRA, J.; RAPOSO, M.; GOUVEIRA, R. R. Psychological characteristics and entrepreneurial intentions among secondary students. **Education + Training**. v. 55, n 8/9, p. 763–780, 2013.
- DOLABELA, F. Oficina do empreendedor. São Paulo, SP: Cultura Editores Associados, 1999.
- DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, 2013.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro, RJ, 2014.
- FIALA, N. **As incubadoras como instrumento effectual de aprendizagem do empreendedorismo**. 2012. 125 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.
- FILHO, R. N. L.; BRUNI, A. L. Metacognição estimula características empreendedoras? uma análise em profissionais de administração. **Race**, Joaçaba, v. 14, n. 2, p. 427-450, maio/ago. 2015.
- FISHBEIN, M.; AJZEN, I. Predicting and changing behavior: The reasoned action approach New York: **Psychology Press**, 2010.
- GREATTI, L.; SENHORINI, V. M. **Empreendedorismo – uma visão comportamentalista**. Anais do I EGEPE, Maringá, Paraná, 2000.

- GUIMARÃES, J. C.; LIMA, M. A. M. Empreendedorismo Educacional: Reflexões para um Ensino Docente Diferenciado. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 2, p. 34-49, 2016.
- HAIR JR., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. 2009. 6a ed., A. Sant'Anna, Trad. Porto Alegre, RS: Bookman. Obra original publicada em 2006.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- LEIVA, J. C.; ALEGRE, J.; MONGE, R. **The influence of Entrepreneurial learning in new Firms' performance: a study in costa rica**. Rev. Inovar, v. 24, edición especial, 2014.
- LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, pp. 419-439, Jul./Ago. 2015.
- LOPES, K. P. S.; SILVA, D. O. Criatividade empreendedora - seria essa a âncora de um grupo de estudantes formandos? **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 4, n. 1, p. 2-16, 2014.
- LOPES, L. F. D. **Métodos quantitativos**. Ed. 1. Universidade Federal de Santa Maria. 2016.
- MANAGEMENT SYSTEMS INTERNATIONAL (MSI). Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance. Final Report. Submetido por Robert Young, Washington, 1990.
- LOPES, R. M. **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, São Paulo: Sebrae, 2010.
- MANSFIELD, R. S.; MCCLELLAND, D. C.; SPENCER, J. L. M.; SANTIAGO, J. The identification and assessment of competencies and other personal characteristics of entrepreneurs in developing countries. **Final report**. McBer and Compay. Massachusetts, 1987.
- MARTINS-SILVA, P. O.; SILVA, C. S.; SILVA JR, A. As competências dos administradores: seu processo de formação e as exigências do mercado de trabalho. *Revista Contemporânea de Economia e Gestão*. V. 14, v. 2, 2016.
- MARTINS, S. N.; DIESEL, A.; DA SILVA, J. S. Educação Empreendedora nos Ensinos Médio e Fundamental: Diversas Percepções. **Revista Thema**, v. 13, n. 1, p. 36-46, 2016.
- MATTHIENSEN, A. Uso do Coeficiente Alfa de Cronbach em Avaliações por Questionários. **EMBRAPA** Boa Vista, RR, 2011.
- MCCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva: realização & progresso social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- MINUZZI, C. D. O.; VARGAS, K. S.; FIALHO, C. B. Características comportamentais empreendedoras: em cena os futuros administradores. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.5, n.1, 2016.
- RIBEIRO, P. E.; BERNARDES, M. A. O papel da universidade no desenvolvimento do comportamento empreendedor em regiões carentes. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 5, n. 2, p. 978-993, 2014.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SINGER, S.; AMORÓS, J. E.; ARREOLA, D. M. Global Entrepreneurship Monitor - 2014 .

SOUZA, E. C. L. de; LOPEZ JR., G. S. Atitude empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas: construção de um instrumento de medida. **Revista Eletrônica de Administração**, ed. 48, v. 11, n. 6, p. 1-21, nov./dez, 2005.

SOUZA, E. C. L. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade. In: Souza, Eda C. Lucas; GUIMARÃES, Tomás de Aquino. (Org.). **Empreendedorismo além do plano de negócio**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SOUZA, I. M.; SANTOS, J. L. S. Empreendedorismo na Gestão Universitária. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 11, n. 2, p. 517-526, ago./dez. 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

VIDAL, F. A. B.; SANTOS FILHO, J. L. **Comportamento empreendedor do gerente proprietário influenciando na vantagem competitiva de uma empresa varejista de médio porte**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 28., 2003, Atibaia-SP. Anais... Atibaia: 2003.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. **Competências e aprendizagem empreendedora em MPE's educacionais**. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. v. 8, n. 3, 2014.